

O USO DA CONSTRUÇÃO [PARA LÁ DE X_{adj}]gi EM DADOS DOS SÉCULOS XIX E XX

Vanessa Barbosa de Paula

Mariangela Rios de Oliveira (orientadora)

José Romerito Silva (coorientador)

Doutoranda

RESUMO: Neste artigo, a partir do arcabouço teórico da LFCU (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010; 2015; dentre outros), apresentamos resultados preliminares da análise de dados, dos séculos XIX e XX, da construção [para lá de X_{adj}]gi. Nosso objetivo é, por meio de dados reais de uso do português, tentar identificar pistas contextuais motivadoras da construção de grau intensificador em análise.

PALAVRAS-CHAVE: Construcionalização gramatical; Linguística Funcional Centrada no Uso; Para lá de X

Introdução

Neste artigo, objetivamos analisar, a partir do arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), a construção [para lá de X_{adj}]gi em dados de uso real do português, dos séculos XIX e XX, buscando identificar pistas contextuais que motivaram o uso da construção com função intensificadora como ocorre em:

(1) Ela assumiu o posto de apresentadora de o Chelsea Lately em a segunda como convidada substituta e mostrou por que amamos tanto a garotinha de "Operação Cupido". Durante seu monólogo de abertura... Em entrevista recente, Sharon Osbourne foi **para lá de crítica** com estrelas de a cultura pop, alfinetando Justin Bieber, o congressista Anthony

Weiner e o talk show The View. Mas ela não parou por aí. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://blog.clubnme.com.br/?p=8332>).

(2) Um profissional, em o caso o de o Magistério, que está continuamente em contato com milhares de alunos está mais suscetível a doenças, e, como em o momento, está ocorrendo um rotavírus será que nenhum professor adoecerá? como se esta já não fosse uma situação **para lá de** dramática, quando existe a intercorrência de um rotavírus um grande número de professores, e também de alunos, adoecer! (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://www.apeoc.org.br/opiniaio/6094-professor-apesar-de-tudo.html>).

As ocorrências acima exemplificam o uso da construção [para lá de X_{adj}]_{gi}, atuando como um membro da categoria de grau intensificador (gi), superelevando o conceito adjetival que compõe a construção. Esse uso aparentemente recente e inovador no Português do Brasil constitui nosso objeto de estudo em uma pesquisa de doutoramento, cujo título provisório é “A construcionalização de [para lá de X_{adj}]_{gi}”.

O *corpus* do referido trabalho será constituído por textos escritos do Português dos séculos XII até a sincronia contemporânea (XXI). O objetivo geral da pesquisa é analisar o processo de construcionalização gramatical de [para lá de X_{adj}]_{gi}, identificando os micropassos da mudança (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). Além disso, buscaremos investigar as possíveis relações de herança (CROFT, 2003) entre a construção [para lá de X_{adj}]_{gi}, de sentido procedural, e os usos mais referenciais da mesma, na indicação de espaço e tempo, bem como analisar a ideia da conceitualização da intensificação a partir de transferências metafóricas - *Intensificação é localização* (SILVA, 2014).

O presente artigo apresenta resultados da fase inicial dessa pesquisa de caráter mais abrangente, fornecendo dados dos séculos XIX e XX, coletados do *corpus* do Português, disponível em www.corpusdoportugues.org.

Pressupostos teórico-metodológicos

As análises por nós empreendidas sustentam-se no campo teórico resultante do recente diálogo entre o funcionalismo norte-americano, praticado, entre outros autores,

por Givón, Traugott, Bybee, Hopper e Thompson e o cognitivismo, na linha de Croft, Goldberg, Fillmore, entre outros, a saber, a Linguística Funcional Centrada no Uso.

Essa nova abordagem linguística, que compatibiliza nas análises dos usos da língua, pressupostos funcionalistas e cognitivistas “parte do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente.” (CUNHA; BISPO e SILVA, 2013, p.14).

Sendo assim, há o entendimento de que o contexto de uso tem um papel de grande relevo na (re)formulação do sistema linguístico, na emergência e na regularização de padrões construcionais e grande parte da agenda da LFCU está voltada para identificação das motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas implicadas no uso desses padrões.

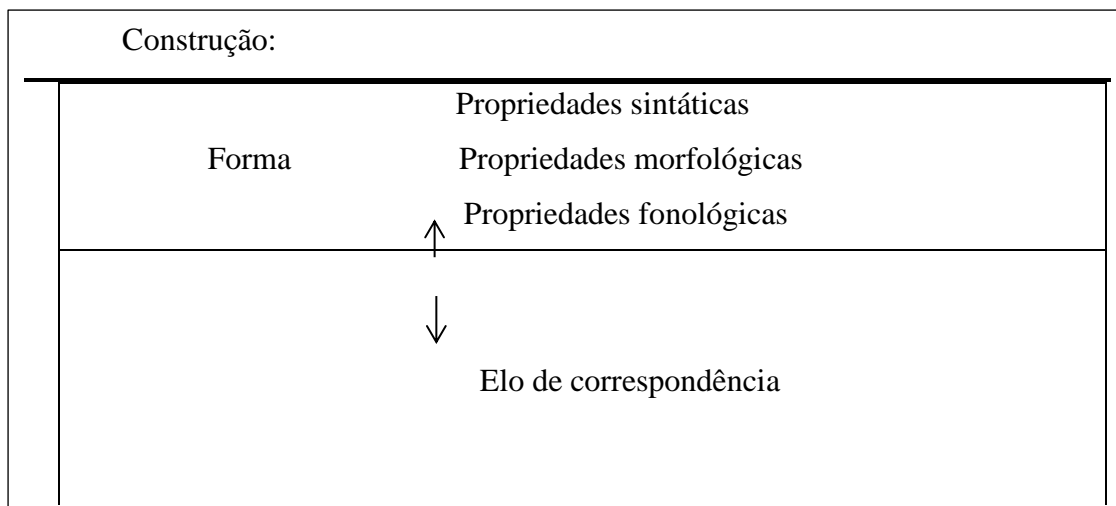
Nosso estudo, nesse sentido, harmoniza-se com as propostas investigativas da LFCU, visto que nos interessam as motivações relacionadas ao recrutamento de uma construção linguística específica, [para lá de X_{adj}]_{gi}, com função intensificadora.

Para a LFCU padrões de uso são instanciações de construções e estas correspondem, nos termos de Goldberg (1995, 2006), ao pareamento/correspondência convencional de sentido e forma entre elementos da língua.

Nessa perspectiva, a língua é concebida como uma rede de construções hierarquizadas e interconectadas na qual se integram propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas.

Croft (2001, p.18) propõe o seguinte quadro esquemático da correspondência existente entre traços semânticos e sintáticos na construção:

Quadro 1 – Correspondência entre traços semânticos e sintáticos na construção



Fonte: Croft (2011, p.18)

A proposta de Croft (2001), apresentada no quadro 1, equilibra os eixos da forma e do sentido, superando a tendência das análises funcionalistas clássicas que, na maioria das vezes, se concentrava em um ou outro eixo.

A esse respeito, Rosário e Oliveira (2016, p.240) afirmam que:

o mérito da proposta de Croft (2001) está também em permitir maior rigor à pesquisa nessa área, dado que se espera a detecção das seis propriedades referidas para a descrição interpretativa das construções, que se integram em rede de unidades convencionalizadas, denominada genericamente de *constructicon*.

A Construcionalização gramatical

Na esteira das pesquisas desenvolvidas na LFCU relacionadas à mudança linguística, voltamo-nos para o processo de construcionalização gramatical.

Bergs e Diewald (2008, *apud* ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016, p.243) definem construcionalização como “a formação de novas unidades (construções) a partir de materiais independentes até então”. Trata-se, portanto, da criação de um novo pareamento forma-significado. É o que ocorre com a construção [para lá de X_{adj}]_{gi} a qual, em contextos específicos, forma um novo arranjo, atuando como um elemento de intensificação. Vejamos as ocorrências (4) e (5):

(3) Já fechou até acordo com as Lojas Americanas, primeira a aceitar o Tradecash. Luís Guilherme Prates, diretor da Fininvest, justifica: - O nível de inadimplência na classe baixa é o menor. Porque o pobre depende do crédito para comprar tudo. De eletrodoméstico a uma peça de roupa. E sabe que precisa pagar em dia para ter crédito. # O lucro é **para lá de** bom. Porque o empréstimo é de pobre, mas a taxa de juros, de rico: acima de 12% ao mês! Isso com uma inflação mensal que não chega a 1%. # Vale quanto pesa Quem esteve ontem com FH garante: O homem estava mais chateado com a dificuldade de votação do FEF do que com as novas declarações de Serjão. Estava preocupado também com a Malásia. Mas estava muito mais preocupado com Serjão do

que com a Malásia. (<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>)

(4) Se você tem vontade de conhecer o Canadá e não gosta de frio, não cogite a ideia de ir **para lá de** janeiro até março, pois o frio é inevitável. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial)

Em (4), “para lá de bom” exemplifica a construção que estamos chamando de [para lá de X_{adj}]_{gi}. Trata-se de uma construção parcialmente esquemática, em que há uma parte fixa (para lá de) e um *slot*¹ X, normalmente preenchido por um adjetivo. Nessa construção, a parte fixa apresenta-se fortemente vinculada, formando um todo indecomponível. O conceito do adjetivo, nela instanciado, é superelevado. Os elementos formadores da forma fixa não apresentam suas funções categoriais típicas, isto é, “para” e “de” não exibem traços característicos das preposições e “lá” não funciona como um locativo. Em outras palavras, em (4), “para lá de X” não apresenta a propriedade da composicionalidade (LANGACKER, 2005).

Em (5), o *slot* X da construção “Para lá de X” não mais é preenchido por um adjetivo e o elo de correspondência entre as formas “para”, “lá” e “de” e os significados das mesmas é transparente. O valor do todo é dado pelo significado das partes. Assim, a preposição “para” indica a direção do movimento, expresso pelo verbo “ir”, o “lá” faz referência anafórica a um espaço físico, o Canadá, e a preposição “de” indica o momento em que se inicia um determinado período, no contexto em questão, a época de frio. Observa-se, portanto, que na ocorrência “para lá de” é composicional.

Desta forma, é possível afirmar que, para o estabelecimento de um sentido intensificador, partes até então independentes vincularam-se, dando origem a um novo pareamento forma-significado na língua em contextos específicos.

O processo de construcionalização pode ser gramatical ou lexical. Na construcionalização gramatical, as mudanças ocorridas no pareamento forma e sentido são de caráter mais procedural. Na construcionalização lexical, ocorrem mudanças de outra natureza no par forma-significado: o eixo do significado passa a se associar a uma semântica mais concreta e o polo da forma enquadra-se em categorias como nome, verbo e adjetivo.

Consideramos que a construção objeto de nosso estudo trata-se de um caso de

¹ Slots são lugares esquemáticos de uma construção, que podem ser preenchidos por diferentes constituintes.

construcionalização gramatical uma vez que o uso de [para lá de X_{adj}]_{gi} assume um caráter mais procedural e abstrato.

A intensificação

Numa perspectiva tradicional, o grau normalmente é abordado nas seções da gramática que tratam das flexões dos substantivos e dos adjetivos.

No caso específico dos adjetivos, de maneira bem sucinta, podemos dizer que as gramáticas normativas preconizam que o grau dessa classe gramatical pode ser expresso por meio de processos morfológicos e sintáticos e divide-se em *comparativo* e *superlativo*.

O grau superlativo, de acordo com Cunha e Cintra (2007), indica que um ser se sobressai na posse de uma determinada qualidade (para mais ou pra menos) em relação a outros que também a possuem – o superlativo relativo - e também que um ser apresenta, em grau elevado, determinada qualidade – o superlativo absoluto.

Acerca do grau superlativo absoluto dos adjetivos, os autores asseveram ainda que há duas categorias formais - a sintética, quando a expressão do grau é feita por uma só palavra (“inteligentíssimo”); e a analítica, quando o grau é expresso por uma expressão geralmente formada por um advérbio de intensidade e o adjetivo, por exemplo, “muito inteligente”.

Como já pudemos perceber, em (1), (2), (3), a construção analisada neste trabalho tem sido também recrutada para expressão de grau, incrementando o valor semântico de conteúdos para níveis acima do que, culturalmente, seria considerado o padrão normal.

Silva (2014), abordando a questão do grau em perspectiva funcional, argumenta que os processos relacionados à conceitualização de grau (incluindo o intensivo) estão relacionados a transferências conceituais entre domínios. Parte-se de domínios concretos, baseados nas experiências dos falantes com o mundo físico, para domínios mais abstratos e subjetivos (LAKOFF e JOHNSON, 1999).

Nesse sentido, o referido autor demonstra que um dos conceitos de ancoragem mais concreta aplicado metaforicamente à ideia intensiva é o conceito de localização. A relação estabelecida diz respeito não só à percepção que temos quanto à posição dos seres

e coisas no mundo, mas também ao fato de esses seres e coisas estarem situados num ponto considerado máximo ou além de um dado limite concebido como “normal”.

A ideia da conceitualização da intensificação a partir de transferências metafóricas é defendida pelo autor porque

(...) em diversos contextos, esta é expressa por palavras ou expressões do tipo *alto*, *elevado*, *profundo* (relativos à verticalidade), *avançado*, *extremo*, *para lá de* (vinculados à horizontalidade) e tantas outras. Em vista desses fatos, podemos afirmar que o esquema sintetizador dessa relação pode ser expresso nos termos INTENSIDADE É LOCALIZAÇÃO (de orientação vertical ou horizontal). (SILVA, 2014, p. 69)

Como podemos perceber, Silva (2014) identifica o “para lá de x” como uma construção recrutada para o estabelecimento de uma noção intensificadora, apontando a influência de pressões de ordem cognitiva nesse uso construcional.

Metodologia de análise

Para a análise aqui apresentada, utilizamos dados do Corpus do Português, disponível em www.corpusdoportugues.org.

Empreendemos a busca, na fonte consultada, pela construção [para lá de], considerando também as possíveis contrações da preposição “de” com artigos, e selecionamos ocorrências dos séculos XIX e XX.

Após essa etapa de seleção inicial, encontramos 18 ocorrências da construção no século XIX e 47 no século XX.

Análise dos dados

A análise qualitativa das ocorrências mapeadas no século XIX nos mostrou usos bastante referenciais, servindo para apontamentos no espaço físico, como em (5) e (6) a seguir:

(5) Fr. Dinis contemplou-a alguns momentos nesse estado e pareceu comover-se; mas aqueles nervos eram torçais de fios de ferro temperado que não vibravam a nenhuma suave percussão: deu dois passos para a porta da casa, bateu com o bordão e disse com voz firme e segura: - " Joana, acuda a sua avó que não está boa. " Daí tomou por onde

viera, e, sem voltar uma vez a cabeça, caminhou apressado; breve se escondeu **para lá das** oliveiras da estrada. (www.corpusdoportugues.org/hist-gen/)

(6) Nas traseiras da choupana alteava-se em declive suave até uma altura enorme a serra estéril de São Pedro. Pela frente, um pontão rústico de troncos de pinheiro, sobre os quais assentavam transversalmente quatro tábuas também de pinho, dava serventia ao caminho de Gondra para a vila; e **para lá da** ribeira aprumava-se abrupta a serra do Arreçai, com as encostas aspérrimas eriçadas de vastos pinheirais. O horizonte era aqui limitadíssimo, diminutíssima a convivência humana. Pois neste berço repousado e puro, neste « oásis » em que a Natureza empregara pródiga os seus encantos mais ingenuamente atraentes, nascera e fora criada a padeirita do nosso conto. (www.corpusdoportugues.org/hist-gen/)

Como se pode observar, nos contextos acima, há a presença dos elementos formadores da construção [para lá de X_{adj}]_{gi}, contudo não se trata ainda do uso dessa construção na expressão de grau intensificador.

Nesses casos, o *slot* não é preenchido por um adjetivo e o grau de vinculação entre os itens “para”, “lá” e “de” é bastante fraco, pois os mesmos preservam ainda as propriedades de suas categorias fontes.

Em (5), numa sequência narrativa, em que se fala sobre ações da personagem Frade Dinis, “para lá das oliveiras” refere-se ao ponto espacial para onde a personagem caminhou apressadamente e se escondeu. Assim, a preposição “para” está a serviço da indicação da direção do verbo de movimento “caminhar” e o “lá” exibe sentido locativo.

Na amostra (6), a indicação espacial de “para lá de” também é bastante perceptível. Há a descrição do lugar de nascimento e criação da personagem do conto, a padeirita, a saber, a serra de São Pedro. Nessa descrição, aparecem marcos de orientação geográfica, tais como, “nas traseiras”, “pela frente”, “transversalmente” e, nesse ambiente linguístico, o “para lá da ribeira” também estabelece a indicação de um ponto espacial.

Esse uso referencial, na indicação de espaço, correspondeu a 72.2% das ocorrências do século XIX.

Considerando as contribuições de Lakoff e Johnson (1999) sobre o entendimento de que os usuários da língua partem de domínios concretos, baseados nas suas experiências com o mundo biofísico social, para domínios mais abstratos e subjetivos, nossa hipótese é a de que a construção [para lá de X_{adj}]_{gi} tenha *links* de herança (CROFT,

2003) com os usos referenciais de “para lá de”.

A proposta de Silva (2014), para quem *Intensificação é localização*, corrobora a linha interpretativa que estamos construindo, pois a ancoragem de um uso mais abstrato e (inter)subjetivo estaria na experiência concreta dos falantes da língua com a indicação espaço físico.

Nesse ponto, servem-nos também os estudos sobre a relevância do espaço nos domínios da interdependência entre linguagem e cognição, o processo de espacialização. A esse respeito, Batoréo (2000), em uma abordagem de cunho cognitivista, afirma que esquemas espaciais são recrutados para esquemas formados por outras expressões de caráter não espacial.

Convém salientar que essas propostas retomam o clássico *cline* funcionalista (HEINE, 1991) ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, de base localista.

Considerando o que foi discutido acima e lançando mão da taxonomia proposta por Diewald (2002; 2006), estamos considerando a referência espacial o contexto *típico* da construção [para lá de X_{adj}]_{gi}.

Além da indicação básica de espaço, em nosso *corpus* do século XIX, também encontramos “para lá de” em referências locativas mescladas à noção temporal. Vejamos os seguintes dados:

(7) - Só se mamãe pedisse à tia Umbelina, que Margarida viesse para cá.. A mãe sorriu-se. - Isso não é mais possível, Eugênio - tornou ela. - Bem vêz que Margarida já está ficando grande; já ajuda sua mãe, que precisa muito dela... - Qual, mamãe.. o que Margarida faz em casa, eu e ela indo **para lá de** tarde fazemos num instante.. é recolher os bezerros, dar milho às galinhas.. ora bolas.. isso custa nada.. a costura ela pode trazer para cá.. - Para tudo achas remédio.. mas isso não pode ser assim.. - Então mamãe não quer que eu vá mais lá? - disse o menino quase a chorar. - Não é isso, filho. Não te digo que não vás; mas é preciso voltar mais cedo, e não ficar lá o dia inteiro. (www.corpusdoportugues.org/hist-gen/)

(8) E foi assim - esquivo, indiferente e impassível - que ele penetrou na História. *** Vimo-lo depois, de perto, na conspiração contra o golpe de estado de 3 de novembro. A sua casa no Rio Comprido era o centro principal da resistência. Ia-se **para lá de** dia, em plena luz: nenhuns resguardos, nenhuma dessas cautelas, e ânsias, ou sobressaltos, com os quais numa conspiração se romanceiam os perigos. Os conspiradores iam,

prosaicamente, de bonde; saltavam num portão, à direita; galgavam uma escada lateral, de pedra; e viam-se a breve trecho num salão modesto, com a mobília exclusiva de um sofá, algumas cadeiras e dois aparadores vazios.

(www.corpusdoportugues.org/hist-gen/)

Em (7) e (8), diferentemente do que ocorre nas amostras (5) e (6), analisadas acima, o “lá” refere-se anaforicamente a um espaço anteriormente mencionado, uma casa em ambos os casos. Já o segmento iniciado pelo preposição “de” expressa uma informação temporal. Temos, então, a partir da observação desses dados, dois usos referenciais locativos em que “para”, “lá” e “de” ocorrem em duas sequências sintagmáticas distintas: a) um em que o “lá” estabelece uma referência catafórica e, neste caso, a porção textual iniciada pelo “de” é a indicação de um espaço físico e b) outra em que o “lá” referencia anaforicamente um espaço e o segmento iniciado pelo “de” expressa tempo.

Possivelmente, os usos temporais da construção [para lá de X] na indicação de um tempo que ultrapassa o “limite” informado pelo X, como em (9), tenha advindo de contextos semelhantes aos expressos em (7) e (8).

(9) I ao que se saiba, tudo aconteceu por mera negligência. Ninguém agiu a tempo, ninguém pensou, sequer, que deveria agir. A verdade é que andava toda a gente cansada e o medo dos ladrões ganhava, em cada alma, o espaço que ocupara, alguns anos atrás, o respeito da lei. Tudo fechado no seu canto, bocejando, vendo filmes **para lá da** meia-noite, e que filmes, senhores, tão descarados que as velhas abanavam a cabeça e fingiam deixar-se adormecer, como desinteressadas do assunto, sem no entanto arredarem pé da sala. Estava dormindo pouco a humanidade e foi talvez por essa sonolência que as gentes da Levada não deram atenção ao que de pouco natural acontecia na casa de Maria das Mercês. (<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>)

Outro ambiente linguístico, em que detectamos a presença de “para lá de”, que nos pareceu bastante interessante está exemplificado em (10).

(10) ao cabo do outro dia houve longa e animada conversação entre o cavaleiro e o filho da casa, Paio Guterres, moço de prol e grande escolar, isto é, grande estudante a quem todos queriam muito por ali. E dessa conversação veio a sair que a mulher do palheiro foi transportada para uma casinha mui linda que ficava na encosta do outeiro, muito **para lá da** igreja, ao pé dos sicômoros e quase à beira do regato. A casa era do

filho, que lha tinha dado o pai, para ele ali fazer sua estudaria e ter seus livros, por onde lhe chamavam a Estudaria da Granja. (www.corpusdoportugues.org/hist-gen/)

Na amostra acima, o intensificador “muito” antecede “para lá da igreja” e reforça o nível do distanciamento do lugar para onde foi transportada a mulher do padeiro, já sugerido pela semântica do locativo “lá”, que provém do termo latino *illac* e expressa referências a espaços distantes dos interlocutores.

No que diz respeito ao “lá”, Batoréo (2000) destaca que esse locativo, além de aludir à distancia, porta propriedades de granulidade vasta, isto é, faz referência a espaços inespecíficos, indeterminados, diferenciando-se de outros locativos como o “ali”, por exemplo.

Acreditamos que essas questões relacionam-se e, de alguma forma, sinalizam motivações para o recrutamento dos itens formadores da construção em estudo.

Para concluirmos nossa breve exposição dos resultados obtidos no século XIX, apresentamos a única ocorrência em que “para lá de” foi seguido de um adjetivo.

(11) Por mais que a razão prepondere, por mais que busque guiar-nos e conduzir com segurança, cumpre contar sempre com as surpresas do destino. A vida é rio misterioso em que não há piloto, por mais prudente e experimentado que seja, capaz de prever todos os perigos e fataes correntezas, **para lá de** breve curva que o olhar alcança.. E quer Você que eu me constitua a causa da perda de muitas illusões suas, preciosas, repassadas de encanto e sonhos, quando o viver se abre ante os seus passos tão cheio de esperanças, promessas e alegrias? De orgulho se entumesce, de certo, o meu peito por conhecer hoje, tão de perto, a intensidade do affecto que a sua generosidade me dedica; mas urge que eu saiba resistir ao seu arrastamento... (www.corpusdoportugues.org/hist-gen/)

Em (11), notamos uma mudança de contexto sintático: o que segue “para lá de” é um adjetivo, a palavra “breve”. A referência espacial ainda persiste, uma vez que podemos fazer a leitura de que o “lá” se refere a um lugar “além da curva”, onde os olhos não alcançam; no entanto, a sequência em que a construção figura tem caráter mais expositivo e é marcadamente metaforizada, abstratizada, sendo assim a indicação de espaço físico fica mais fraca.

O processo de abstratização do espaço que verificamos em (11) parece se intensificar nos dados do século XX. Nos textos dessa sincronia, é possível perceber um

aumento no número de ocorrências em que o “para lá de” não mais se refere a um espaço físico, concreto. Vejamos (12) e (13):

(12) Tal como em os milagres de que só Maria João Pires é capaz e nenhum de os seus discos os iguala tal como eles se dão ao vivo não foi de malabarismos nem de pirotecnia que se tratou este recital. Com Pollini, nem é possível falar de técnica ou de virtuosismo: ele está **para lá de** a perfeição, é melhor do que isso. npt-pub-4587## Marçal Grilo acabou com as dúvidas sobre as escolas profissionais Há escolas que vão ter de fechar Margarida Portugal Marçal Grilo foi taxativo. Há escolas profissionais que vão ter de fechar. Ontem, em uma escola de Lisboa, o titular de a Educação decidiu acabar com as dúvidas sobre o futuro de este subsistema que considera uma alta prioridade de o Governo. Ficarão aquelas que demonstrarem ter qualidade, projecto e empenho. (<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>)

(13) É muito. Sobretudo porque ainda não estão contabilizados todos os hectares ardidos desde segunda-feira e, é necessário não esquecer, o país vai ter calor, vento e provavelmente falta de chuva até a o Outono. Já ardeu muito, pode arder mais. Há uns anos seria pior npt-pub-4880## A própria *Pedagogia do Oprimido* foi um livro que ultrapassou as preocupações com a alfabetização. Implicava a alfabetização, mas ia **para lá de** a alfabetização em si. A *Educação como Prática da Liberdade*, que é um livro anterior a a *Pedagogia do Oprimido*, essa sim, centrou-se essencialmente em a alfabetização, mas a *Pedagogia* deu um salto Houve uma evolução. (<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>)

Na ocorrência (12), ao se emitir uma avaliação sobre Pollini, numa situação de maior (inter)subjetividade, usa-se a construção para indicar o mérito do artista, situando-o em um nível de qualidade que excede, vai além, da perfeição.

Ao dado apresentado em (13), podemos atribuir uma leitura semelhante à de (12). Falando-se sobre o livro *Pedagogia do Oprimido*, destaca-se que, na obra, as preocupações do autor vão além da questão da alfabetização. Nessas duas ocorrências, a moldura espacial é tomada para fazer referências que não são de espaço físico concreto. Em (11), a ideia é a de situar-se em determinado ponto, reforçado, inclusive pelo verbo “estar”, que tem como umas das suas acepções o sentido de “localizar-se em”; em (12), a ideia é de movimento de um ponto a outro é corroborada pelo verbo “ir”, presente no contexto.

Esse movimento do concreto para o abstrato e do objetivo para o (inter)subjetivo parece motivar o uso da construção em contextos isolados com função de grau intensificador, como em (13).

(13) O petutinho Bruno Calfat chacoalha hoje a garagem de sua casa em o Leblon, Rio, com uma festa **para lá de** moderna. (www.corpusdoportugues.org/hist-gen/)

No corpus do século XX, mapeamos 5 ocorrências do uso da construção [para lá de X_{adj}]_{gi} tal como exemplificado em (13) e na introdução deste trabalho. Essas ocorrências datam do final século. Por conta disso, parece-nos que a construção em questão é recente na língua.

Os usos de [para lá de X_{adj}]_{gi} aparecem em contextos predicativos, marcadamente (inter)subjetivos, envolvendo a expressão semântica de avaliações, opiniões em diferentes situações de comunicação.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos apresentar resultados preliminares da análise de dados, dos séculos XIX e XX, da construção [para lá de X_{adj}]_{gi}, tendo como foco a tentativa de captar pistas contextuais motivadoras do recrutamento de tal construção para expressão de intensificação.

Nesse percurso analítico, à luz dos pressupostos teóricos da LFCU, percebemos que, no século XIX, “para lá de” figurava preponderantemente em contextos espaciais, fazendo referência a um lugar físico, concreto. Discutimos os efeitos da espacialização e da granularidade vasta do “lá” como motivações para seleção desse locativo nesse uso.

Na sequência da análise, vimos também como, ainda nos dados do século XIX, observou-se um processo de abstratização do espaço. Esse processo pareceu-nos se incrementar no século XX, visto que um número maior de ocorrências faziam referência a um determinado ponto, mas não um ponto no espaço físico, concreto. Destacamos também, em relação a esse aspecto, que a construção passou de contextos mais objetivos (sequências narrativas e descritivas) para contextos mais subjetivos (sequências expositivas).

Por fim, chegamos especificamente à construção [para lá de X_{adj}]_{gi}, identificada em cinco ocorrências, no final do século XX. Esse uso, conforme já mencionado, atua na

superelevação de determinados conceitos, envolvendo expressão de avaliação, opinião em contextos predicativos.

Em termos gerais, podemos afirmar que estamos analisando um novo arranjo linguístico recrutado para estabelecer intensificação de conceitos, funcionando, desta forma, como um elemento de grau intensificador na língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M.; CUNHA, M. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

DIEWALD, G. *Context types in grammaticalization as constructions*. *Constructions*, Düsseldorf, , 2006. Disponível em: www.constructions-online.de:0009-4-6860.

_____. *A model of relevant types of contexts in grammaticalization*. In: WISCHER, I;

DIEWALD, G (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The university of Chicago Press, 1995.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MARCUSCHI, L. A.. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.;

MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org). *Gêneros textuais e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSÁRIO, I.; OLIVEIRA, M. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. São Paulo: Alfa, 2016, v. 60, p.233-259, 2016.

SILVA, J. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2014.

TOMASELLO, M. *The new psychology of language*. New Jersey: Laurence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.